



Uma cabeça coroada

Ricardo Preto do N'Gunga

Eu peço licença aos nossos antepassados, à consciência e à ciência das nossas mais velhas, já falecidas, portadoras de todo saber botânico, de todo saber natural. Peço licença às almas de todos os nossos mais velhos, sobretudo às mulheres, nossas mães ancestrais. E à terra, eu peço licença. Com os pés descalços, peço permissão para pisar o seu solo sagrado, tocar o seu ventre fecundo e dizer:

Tundikila, mama Mangana.

Na tundikila veno, mama Mangana.

Tata wakwetu, tundikila ku nzo, mama Kalunga.

Nós somos o povo do Congo de Angola, somos o povo Kilundu da Guarda de Masambike, do Kilombo do N'Gunga. Nós viemos de outros mares, nascemos e crescemos no meio desta terra. Fomos soltos à terra: consagrados e entregues. Nós a cultivamos

desde pequenos e, pouco a pouco, com o Tempo, entendemos o poder salvífico que ela tem, com toda a sua diversidade de vidas e ecossistemas. Nós nos relacionamos com ela desde que nascemos e vamos nos relacionar com ela depois de morrermos. Nesse hiato cronológico, enquanto estamos aqui, precisamos cada vez mais respeitá-la, aprendendo cotidianamente a tratá-la bem e a defendê-la. Porque só assim teremos remédio, comida, fartura, equilíbrio.

Geograficamente, eu poderia dizer que o nosso kilombo está presente em todo o Vale do Paraopeba, mas prefiro vê-lo surgindo da terra de pontos diferentes, como formigas de correição. Porque, se olharmos para uma linha genética, histórica, antropológica, religiosa, concluímos que:

*O Rosário é um só
Somos um povo só!*

A freguesia de Nossa Senhora da Piedade do Paraopeba está entre os lugares mais antigos de Minas Gerais — a sua Matriz é datada de 1713, e o povo conta que antes dela já havia a Capela do Rosário dos Pretos, onde era também o Cemitério dos Pretos, tendo se tornado mais tarde Igreja do Rosário. A este território chegavam os escravizados, que eram negociados e dele saíam para as demais fazendas. Piedade do Paraopeba era um grande centro, e atualmente é um distrito de Brumadinho, bem próximo ao limite oeste do Quadrilátero Ferrífero mineiro.

Kilombo do N'Gunga é um povo que está ao fundo de pastos, ao lado da Igreja do Rosário, atrás e à frente da Igreja Matriz, e da beira do córrego ao Ipê da Serra. O kilombo está ali desde o começo de tudo e se dá com a resistência de um povo. Sequestrados e escravizados, eles resistem nesta terra, nesta região, com seus saberes e fazeres, como um povo forte de guerreiros vencedores de batalhas. Piedade também é conhecida como terra de indígenas, e com eles os africanos teceram relações e fizeram as trocas ancestrais de conhecimentos botânicos e religiosos. Por isso eu reverencio e referencio todos os caboclos indígenas. Formamos os povos originários deste lugar.

Muitos de nós tivemos que sair dos territórios por questões de sobrevivência e fizemos o êxodo para as capitais. Ainda assim, não perdemos a fé, e, sobretudo quando temos as festas religiosas, quem

migrou volta para juntar e aquilombar com os seus, porque uma das vocações do povo que veio do Congo-Angola é rezar junto. Somos um povo católico, e rezamos para as almas, invocando-as para peleja, com uma vela acesa e com muita devoção quando batemos nossas N'goma pela rua afora. Sentimos a força e a sutileza da presença deles na simplicidade de um chá ou na lágrima que escorre no rosto numa toada ou no repique das caixas. Chora N'goma!

O N'Gunga está bem no centro de Piedade. Se imaginamos uma cabeça, este território está coroado por duas joias raras: a Mata Atlântica e o Cerrado. É um território raro, e enriquecido também pelos conhecimentos quilombolas e indígenas que aqui se enraízam e se espalham. Se imaginarmos um coração, o kilombo é vivo em Piedade e com ela forma um corpo antigo. E, se imaginarmos um sobrevoo pelo território, somos uma cratera de vulcão, com o kilombo no centro, vivendo o calor de toda a pressão que acontece ao nosso redor. Somos coroa, somos coração, estamos no centro do vulcão e nos afligimos com a degradação e a transformação das matas.

O kilombo está muito transformado, urbanizado. “Antigamente tinha, hoje não! Pode até ter, mas é difícil!” — são palavras dos mais velhos, que falam com saudade e frustração sobre espécies de plantas e animais que era comum ver e que estão desaparecendo. Várias árvores hoje não existem mais. Uma delas é um pé de manga (*Mangifera indica*) ancestral, enorme. Com a construção da praça, a máquina cortou ao redor dele, tirou muitas das suas raízes e, como consequência, ele foi perdendo forças, apodrecendo e vindo ao chão. Outras três gameleiras (*Ficus sp.*) ficavam onde é a Igreja do Rosário e o Cemitério dos Pretos — os nossos antepassados lá estão enterrados, os homens à direita, as mulheres à esquerda, e ao pé das três árvores eles tocavam o tambor sagrado que viu nego morrer no tronco da senzala.

Existiam, hoje não existem mais.

Eram árvores frondosas ancestrais, que têm um significado religioso porque representam o poder e a força do Tempo e a nossa genealogia, representam os nossos antepassados. Elas têm propriedades medicinais e a partir delas é possível fazer utensílios, como vasilhames, gamelas e o fisgo que era usado para caça, além de outros benefícios que nos traziam a casca, as folhas e as raízes. Essas três gameleiras simplesmente foram retiradas do local, o que é falta de sabedoria e letramento racial. No N'Gunga pedimos socorro por

elas — “Ajuda ieu minha mãe, ajuda ieu mamãe” — e confiamos que replantar as três gameleiras também é um sonho possível de ser realizado. Como guardião da cultura, guardião das tradições do Kilombo do N’Gunga, gostaria de ver de novo gameleiras no nosso território.

No N’Gunga tinha mais variedade de plantas medicinais e se fazia mais uso delas. No kilombo toda casa tinha uma horta, hoje apenas algumas resistem. Kilombola não vive bem sem uma horta com um espaço especial para as folhas de chá. Pois dizia Sô Maro da dona Bela: “Di certo! Numa horta o que num é di cumê é chá! Vão supor: o que não é de cumê é de beber.”

Dona Bela, no seu velório, recebeu uma salva de palmas, porque ela matou a fome de muita gente, ela rezava para todo mundo. Ela benzeu e coseu muitos, e trouxe muitos à luz da vida. Era prezada, trabalhadora, rezadeira, benzedeira, parteira. Sô Maro era Capitão do Reinado. Era um legítimo *N’ganga*, que flutuava quando dançava, masambike. Foi tropeiro, aboiador, agricultor, homem de muita fé, adorador do Santíssimo, e invocava as almas também. Ele era benzido de cobras e benzedor, onde ele estava o animal peçonhento ficava parado. Seus conhecimentos eram profundos e eram segredo. Juntos, tiveram 13 filhos, e também me criaram, sou filho-neto deles. Também ajudaram a criar tantas outras crianças. Dona Bela ensinou a muitas mulheres receitas dos doces e quitandas, Sô Maro ensinou outros tantos a trabalhar.

Às vezes Dona Bela pedia para buscar a lamparina, ir ao fundo do quintal e buscar uma folha. Antigamente, os mestres e as mestras do saber não nos diziam que estavam nos ensinando algo. A tradição foi passada de mão em mão, de geração em geração. A gente aprendia fazendo e trabalhando. Minha avó pedia: “Menino, vai buscar as folha!” Se não encontrávamos, ela ia arrastando pelo terreiro, às vezes com um papel aceso, outras vezes com uma lamparina, e o braço do menino servia de bengala. A avó segurava firme no braço e dizia: “Para diante! Caminha.” Ela mostrava, colhia, trazia. Minha avó D. Bela acendia o fogão a lenha, colocava água para ferver na beca, contava caso enquanto esperava, e, quando ficava pronto, dizia com um R bem trinado: “É remédio, menino.” Ela tomava três goles e falava dos benefícios do santo remédio. Às vezes, pedia para buscar a capeba (*Piper umbellatum*), aquela folha larga, redonda, que parece um coração. Ela fazia chá, e também dobrava aquela folha enorme em três e aplicava sobre a ferida que tinha nas pernas, dizendo: “erisipela não

tampa, se banha”. Para tudo e para todo fim, cada chá é precedido por uma reza. E nessa firmeza ela fazia a oração quando punha um emplastro de capeba e as feridas da perna eram curadas — milagrosamente, com a energia e a força das plantas, pela fé daquela senhora também. É capeba, e é também araticum (*Annona crassiflora*), ou cabeça-de-nego, que tem propriedades medicinais e espirituais desde a semente, a casca, e as folhas. É também pequizeiro (*Caryocar brasiliense*) e tantas outras plantas que estiveram e estão presentes nas nossas vidas até hoje.

Há 40 anos, quando eu era menino, ouvi o meu avô Maro dizer para não pular nas águas da cachoeira que está dentro do território do kilombo: a gente não podia nadar porque havia a mina — não se falava mineração, dizia mina. “Essas águas estão envenenadas, meus filhos” — Sô Maro, nego veio, meu avô, era um verdadeiro *N’ganga* e já nos alertava naquele tempo que as águas eram impróprias para o banho, que não se devia comer nem o peixe. Hoje eu faço esse papel quando vejo alguma criança ou jovem indo para a cachoeira. Eu os atualizo dizendo dos estudos recentes que atestam a presença de metais nessas águas e que isso dificulta muito a relação com esse bem natural, ainda que hoje o mal esteja invisível aos olhos.

Nós não vamos acabar com a mineradora, ou com outros grandes empreendimentos, mas as mineradoras também não podem acabar conosco. É nosso direito conquistado: ela precisa nos consultar, uma consulta livre, prévia, informada, de boa-fé. Porque o nosso povo sabe o que quer e como fazer, só não temos a condição financeira de fazê-lo. E, se houver essa parceria da escuta ativa, e também da execução, veremos a efetividade dos nossos direitos, e vamos fazer história, de fato, para gerações futuras — esse é o nosso sonho. Para isso, o que estamos dizendo é que não queremos, como diziam os antigos, “um cumê pronto”, um agradinho, uma migalha — isto é: não queremos algo já projetado, determinado. O que digo aqui é também um clamor para um diálogo, um diálogo eficaz para o futuro da comunidade kilombola. Nós merecemos uma devolutiva maior, tratada e conversada. Queremos ser ouvidos, precisam falar com todos e não apenas com alguns. É preciso que considerem com seriedade o que significa um kilombo, a nossa presença no território, pois chegamos aqui primeiro. Diante do que eles têm, é muito pouco o que nos dão. Nós queremos respeito com os nossos direitos, para a gente poder viver melhor.

Pedimos mudança no modo de minerar. Seja uma barragem de rejeitos ou de água, não queremos que esteja acima de nós, pois é um trauma que carregamos o tempo todo, é uma ameaça permanente, mesmo quando estamos dormindo. Desconfiamos que os laudos não correspondem aos fatos, e alguns atos provocam consequências incalculáveis e irreparáveis. É impossível negar ou fingir que não vê — basta olhar e analisar o território, ouvir os mais velhos sobre como era e no que se transformou. A nossa resistência diz para lutarmos e não arredarmos o pé do nosso lugar, que a luta é por transformação — é possível, ainda dá tempo e a geração futura merece ouvir a terra, tocar a terra, sentir o cheiro dela, o frescor das plantas, o aroma, saber que tudo isso é remédio e é alimento.

Como o nosso kilombo, muitas comunidades que estão na região desde o começo já foram reconhecidas, outras estão em processo. O N’Gunga veio para engrossar e ecoar a voz de todo o povo preto, de todo o povo afro-indígena que resiste no Vale do Paraopeba. Nós viemos de muito antes e vamos para muito além. Como diz o povo de antigamente: “Kilombo N’Gunga: Viva Jesus e Maria, representado!” Kilombo defende a natureza, e o nosso sonho é a despoluição, a cachoeira cheia novamente e poder voltar a nadar, junto com os nossos filhos, e os filhos dos nossos filhos também. Poder pescar e comer o peixe daquela água sem dúvida nenhuma, poder dormir tranquilo. Nós gostaríamos muito mais de saber que estamos envolvidos por uma vasta mata: nós fazemos parte dela, viemos desse mesmo ventre fecundo, materno e feminino.

Ricardo Preto do N’Gunga

Guardião das tradições do Kilombo do N’Gunga, Rei Congo do Reinado.

